

Paraíba

Políticas públicas e tecnologias sociais que garantem a permanência na terra: a história de Socorro dos Santos



“Mesmo na seca, eu sempre estava feliz porque estou na minha terra. Há 19 anos, no meio das pedras, nunca deixei de plantar e colher”. Com os olhos cheios de amor, a agricultora Maria do Socorro dos Santos Vieira conta sua história de luta pela terra e de convivência com o Semiárido.

Socorro nasceu no bairro de Bodocongó, em Campina Grande, e cresceu na zona rural, nas terras onde seu avô, Severino Matias, trabalhava – hoje parte do Assentamento José Antônio Eufrouzino. Viveu lá até os 15 anos, mas, diante das dificuldades de sustento na agricultura, tomou a difícil decisão de se mudar para o Rio de Janeiro. Na cidade, constituiu família e teve três filhos: Kleber, Rosilene e Cleiton. “Fui e voltei do Rio de Janeiro umas quatro vezes. Estava lá, mas o que eu queria mesmo era estar aqui, perto do meu avô. Mas a renda era pouca, então sempre voltava”. Em 2000, com a notícia da doença do avô e as dificuldades na cidade, Socorro retornou à Paraíba. No Rio, deixou os filhos Kleber e Rose, enquanto Cleiton, infelizmente, havia falecido. Dessa vez, voltou acompanhada do neto Felipe, filho de Rose, e se instalou inicialmente na casa da avó em Campina Grande.

Nessa época, Socorro começou a acompanhar as reuniões do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e participou de algumas ocupações. “Houve uma ocupação nas terras da Catirina, mas fomos expulsos. De lá, fomos para o Morro do Urubu. Na época, era eu, meu neto e meu marido Luiz. Quando liberaram um lote no Assentamento José Antônio Eufrouzino - Logradouro, eu tinha apenas três “telhas de brasilit”, mas juntei algumas madeiras e barro e fiz um barraco para a gente”.

Em 2006, finalmente Maria do Socorro ocupou o lote com 18 hectares onde vive até hoje. Ali, construiu sua casa e passou a criar animais como galinhas de capoeira, porcos e cabras, alguns doados pela avó. Também cultivou milho, batata, feijão e fava. “Tendo água, eu planto de tudo. Nunca tive preguiça nem medo de trabalhar”. Em 2009, precisou voltar ao Rio de Janeiro para tentar vender a casa que possuía lá. Comprou a passagem com a venda de um milheiro de palma que havia plantado, mas não conseguiu concretizar a venda da casa. Passou sete meses no Rio até que, com a ajuda da irmã, conseguiu voltar. Ao chegar, encontrou poucos animais e o roçado perdido, abandonado pelo marido. Diante da falta de companheirismo, decidiu se separar.

A chegada da cisterna de água para consumo, em 2011, construída pelo INCRA, mudou sua vida, reduzindo o trabalho de buscar água em uma cisterna comunitária que realizava com a ajuda de um jumento. Em 2014, foi contemplada com uma cisterna-enxurrada, construída pelo Centro de Ação Cultural (CENTRAC), através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). Assim, passou a estocar água para os animais e para o cultivo de plantas medicinais, frutíferas e ornamentais.



Nesse mesmo ano, conheceu Ailton Flor Cavalcanti, seu atual companheiro, com quem compartilha o trabalho na agricultura. Hoje, criam vacas, ovelhas, porcos, galinhas de capoeira, guinés e perus. “Não perco de jeito nenhum a semente das minhas galinhas. Minha avó me deu e aqui a gente só come delas”. Socorro também herdou as sementes de feijão sempre verde, feijão gordo azul, mulatinho e boca de guiné.



Com a ajuda de Ailton, construiu uma estrutura de madeira na sala de casa para proteger da umidade as suas sementes vegetais. Como guardiã das sementes vegetais e animais herdadas da avó, sementes resistentes à seca e adaptadas ao bioma Caatinga, Socorro presta um relevante trabalho de conservação da agrobiodiversidade. Também mantém a memória da família viva, os sabores, o manejo e os saberes associados a essas sementes.

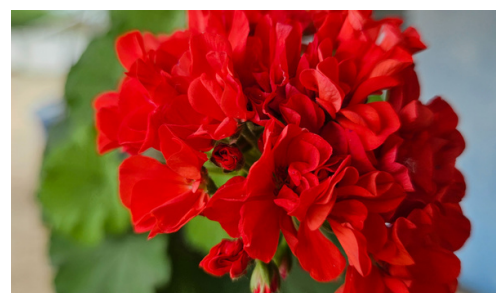
O acesso a outras tecnologias sociais, através da assessoria do CENTRAC, possibilitou a instalação de um sistema de reúso de água e a construção de um fogão agroecológico pelo Fundo Rotativo Solidário do Assentamento. “É uma benção”, diz Socorro, sobre o fogão, que reduziu o uso de lenha, a produção de fumaça e o consumo de gás.



Atualmente, a propriedade conta com dois barramentos de base zero, tecnologia social que reduz a velocidade da água e impede a erosão do solo, implementados pelo CENTRAC com apoio de Manos Unidas. O local está mais rico em matéria orgânica e umidade, favorecendo a preservação de espécies nativas da Caatinga como jurema, catingueira, marmeleiro e juá. Em 2024, recebeu tela para a implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF), onde já plantou banana, limão, maracujá e plantas nativas. Neste ano de 2025, ampliou o plantio de batata-doce, feijão e macaxeira, além de cercar o chiqueiro das ovelhas e iniciar uma horta com sombrite para proteger as hortaliças.



Tudo que Socorro planta é para consumo da família. Os ovos das galinhas são compartilhados com familiares e amigos. O leite e o queijo são consumidos e vendidos, assim como a manteiga, que ela também envia para os parentes. Para alimentar os animais, ela aproveita o soro do leite para os porcos e verduras descartadas na Feira da Prata, em Campina Grande. As galinhas são alimentadas com milho da propriedade, e quando o estoque diminui, reduz a criação para evitar a dependência de insumos externos. Em 2024, produziu silagem com palha de milho, que durou até o início de 2025.



O acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar permitiu que Socorro e sua família permanecessem na terra com dignidade, qualidade de vida e soberania alimentar. Essas conquistas foram possíveis graças a um governo democrático que dialoga com as necessidades do povo, garantindo terra para produzir, água para beber e sementes para multiplicar.